ANO I | Nº 2 | OUTUBRO DE 1990

BOTTALLO ABRE O JOGO

O DIRETOR DIZ QUE É CONTRA A LISTA E ADORA CERVEJA PAG. 03

PAU NA LISTA PAG. 07

DA SUCATA AO PANTANAL

DELAÇÃO

Baixaria Explícita
traição, família e propriedade
ódio, invvvvveja, cobiça
Deslealdade..
-AULA?
Tudo isso você encontra
Diariamente

AQUI

Das 20h00 às 22h40

NÃO PERCAM

(A Lista?)

REFLEXÃO DE TOSTINES:

Estudamos DIREITO para assinarmos a lista?
ou
Assinamos a lista para estudar DIREITO?
NDA?
Thinking... or Viking?
Cadê nossos DIREITOS?
Socorro quero minha mãe. - ou a lista.
A PUC, USP, MACKENZIE ETC SÃO FACULDADES SÉRIAS?
A CTBC é Faculdade de Direito?
Poesia:
No Congresso tem pianista
Na Faculdade de Direito tem a lista.
Espaço Democrático
Você discorda? Então assina aí:
CCC-DECRETO(011)-1968
Trimmmmmm-Trimmmmmm
Estão chamando

VIVA A FACULDADE DE DIREITO DO LARGO DE SÃO BERNARDO DO CAMPO, 16 de maio de 1990

out of Anonimato: Eurico M Diniz de Santi

JONES & JOHNSON

Na ânsia de colaborar com o engrandecimento deste informativo, contratamos, das fileiras do Washington Post e do London Times, dois dos mais conceituados jornalistas de todos os tempos: **Enzo Jones e Ary Ben Johnson**. Vêm para solucionar questionamentos que há milênios pertubam a Humanidade, como "De onde viemos?" e "Que catzo é Jones e Johnson?".

Senhoras e senhores, para vosso deleite, o ...

HOROSCOPÃO DO MÊS:

Válido para todos os signos até 29/11/91.

Estamos para entrar num período regido por água e terra, sendo que a coisa tende a ficar meio lama até a próxima conjunção de Marte em Escorpião ou até que finalmente liberem a pinga, a champagne espumante e a sidra Peterlongo, na Faculdade.

CARTAS

Mal anunciamos que seríamos os mais novos articulistas deste penetrante órgão que milhares de cartas chegaram a nossa redação. Publicamos aqui as mais significativas.

"Eu quero mulher. Tô em crise. Quando o professor Clóvis diz Nietzsche eu respondo saúde! Eu preciso de mulher!"

Vinnie Terranova (1ºC)

Fica aqui registrado o protesto do colega.

"Quando me avisaram que a coluna Jones & Johnson sairia neste informativo, subi aos céus. Acompanho vocês desde os tempos do Notícias Populares, e sempre achei o máximo. Eu saio às dez e meia".

Ruiva Misteriosa (1ºC)

Ruiva Misteriosa: a coisa aqui não é a mamata que você está imaginando. Controle a libido ou vamos entrar todos no pau-de-macarrão, já que Ary Ben Johnson é casado e Enzo Jones está arrumado. Nós saímos às oito e Notícias Populares é a mãe.

"Queremos cerveja na Faculdade".
Nestor, Gastão e Alemão (3ºA)

E nós queremos roleta, vídeo-pôquer e mulher.

JONES & JOHNSON VÍDEO

Filmes recomendados

SOCIEDADE DOS JURISTAS MORTOS - *comédia*

Miguel Reale pega Kelsen pelo pescoço para provar a teoria tridimensional do Direito. Um professor porraloca obriga seu aluno a aprender latim, só para falar "CARPE DIEM". Pra variar, o diretor do local estraga a festa e enriquece a padaria da esquina.

GILDA - *drama*

Ruiva misteriosa faz um pouso forçado com Boing da Vasp. Continuação inferior de AEROPORTO, INFERNO NA TORRE e GARGANTA PROFUNDA. Com Rita Hayworth no papel secundário e Nagi como o avião.

PROFESSOR DO MÊS

Este mês, o prêmio vai para o professor de Educação Física que desenvolveu um novo e revolucionário método de aquecimento, método este que consiste em correr atrás da folhinha de chamada. Parabéns, professor, e continue mostrando porque esta Faculdade está na vanguarda do ensino.

PRESTANDO CONTAS, POR NOSSA CONTA !

Por nossa conta, estamos prestando contas a todos os amigos desta Casa de Leis, que em nós depositaram sua confiança, neste derradeiro exemplar, divulgado por esta gestão, que acena com a proximidade do seu findar.

Estamos neste caminhar dentro do CAXXA, levados pelo coleguismo são, expontâneo e desinteressado, dos companheiros que a este cargo nos galgaram.

De pronto, por ocasião da nossa posse, firmamos como objetivo, plantar, fincar, demarcar na mente de todos, a necessidade coletiva de reivindicar direitos acadêmicos, mas, não só isso; díriamos, também, de plantar sementes que desde o primeiro momento, começassem a gerar e dar sinal de frutos. A nossa proposta, através da união de todos os integrantes do CAXXA e mais a força dos colegas e mestres desta Casa, deram mostras de terem se efetivado condignamente. Por essa razão, certos de termos satisfeitos a confiabilidade com que fomos presenteados, trazemos conosco, a alegria da missão cumprida, porém, não finda.

A missão, foi, é, e será sempre de todos nós, que fincamos o marco pioneiro de realizações, até então, ocasionalmente, nesta Faculdade, e que hoje, passaram a ser necessariamente, sempre divisando maiores satisfações.

Por conta das linhas que se seguem, procuramos resumir os eventos e realizações desta gestão que se despede, mas que jamais deixará de colaborar e fazer parte dos bancos acadêmicos, sempre e quando a oportunidade o permitir.

Levantamento Trimestral da Gestão " VIVO 20 " !!!

DEZ/JAN/FEV.

1.Recepção aos calouros:
1.1.- Festa de integração dos calouros;
1.2.- Palestra com o Presidente do Tribunal de justiça de São Paulo, EXMO. Sr. Dr. Aniceto Lopes Aliende;
1.3.- Palestra com o Prof. Dr. Celso Bastos;
1.4.- Palestra com o Prof. Dr. Diogenes Gasparini;
1.5.- Palestra com o Prof. José Eduardo Faria;

2. Contratação de serviços Xerográficos;
3. Inauguração da Livraria;
4. Contratação de funcionários;
5. Revisão, atualização e publicação de apostilas;
6. Atuação junto a congragação de vários problemas, tais como:
6.1. Dependência e adaptação de matérias;
6.2. Aumento de representantes do corpo discente, junto à congregação;
7. Presença e Fiscalização por ocasião da realização dos exames vestibulares do ano letivo de 1990.

MAR/ABR/MAIO.

1. Realização de Ginkana Cultural;
2. Baile do Bicho;
3. Início da chopada e lambada mensal;
4. Churrascada em homenagem à equipe vencedora da ginkana;
5. Elaboração e distribuição de Carteirinhas aos associados;
6. Criação e publicação do jornal VIVO 20.

JUN/JUL/AGOSTO.

1. Contratação, por três meses, de guarda para o estacionamento de veículos;
2. Arrecadação de uma tonelada de alimentos, por ocasião da Ginkana;
3. Doação de alimentos arrecadados à instituições de caridade da região do ABC;
4. Palestra com o ilustre Prof. André Franco Montoro;
5. Palestra com o ilustre Prof. Luiz Alberto Warat, da Universidade de Buenos Aires;
6. Palestra com o ilustre Prof. Aluizio Mercadante;
7. Aquisição de bens móveis:
-aparelho de som;
-aparelho de TV;
-aparelho de vídeo cassete;
8. Festa de comemoração alusiva aos Vinte e Cinco Anos do CAXXA.

SET/OUT/NOVEMBRO

1. Aquisição definitiva de linha Telefônica para o CAXXA;
2. Manutenção corretiva dos seguintes equipamentos:
-máquina registradora;
-máquina elétrica IBM;
3. Organização dos Arquivos e Patrimônio Ativo do CAXXA;
4. Organização das eleições de 1990/91.

Obs. Esta gestão deixa em casa, uma saldo favorável, de aproximadamente, Cr$ 70.000,00 (setenta mil cruzeiros).

Agradecendo em nome dos companheiros desta direção, aos colegas da Associação Atlética Acadêmica XX de Agosto, aos Mestres, ao Diretor desta Faculdade, e, em especial, aos alunos e amigos que em nós depositaram seu voto de confiança e conosco trabalharam neste percurso, nossos sinceros agradecimentos, com a certeza de continuarmos irmanados em novos ideais, no arrojo de novos desafios, o nosso abraço amigo.

Antonio José Vieira Jr.
Presidente do CAXXA
Gestão VIVO 20 !

DROPS DE BANANA

A sucessão vem aí (quem será o nosso próximo diretor?), a nossa participação tem de ser definitiva a fim de extinguir o autoritarismo e as tradições retrógradas que ainda assombram essa Casa de Direito. Temos de perder o medo de aprender, de questionar, precisamos de aulas mais abertas. Abaixo a masmorra,a tortura... (forcei) ...Pedagogia e aula bem elaborada não fazem mal prá ninguém, necessitamos de professores, não ídolos. O Jesus Cristo crucificado em cada sala de aula não deve lembrar o poder de Roma e do Estado, mas sim, a humildade e a fragilidade de um homem perante as instituições do próprio homem. Vamos caminhar juntos...

E vamos abrir o olho, se não o papo acaba em cerveja e populismo, tapinha nas costas e blá, blá, blá. O jeito é ficar ligado pois se bobear a monarquia vai rolar, tem sempre UM HOMEM QUE QUERIA SER REI, mesmo que do disco do David Byrne. Botallo? Botallo presidente do Brasil, nota 8, exame vestibular via VUNESP (OUT OF FISIOLOGIOTEFEPISMO), professores novos do tipo THINKING HEADS sem citar nomes pra não confundir a autoria.

Projeto Justiça em São Bernardo, nota 9, parabéns Jacômino, Campilongo, Bottallo e Ana Lúcia pela perspicácia. Só não rola 10 pela autoflgelação e dor no cotovelo de não poder participar.

Eurico Marcos Diniz de Santi acadêmico de Direito 4º Ano

NOTAS MUSICAIS

A Comunidade Kibo-batateira sofreu com a abrupta mudança dos ventos: essa faculdade será capaz de se submeter a um novo compasso, já longe do enfadonho samba-de-uma-nota-só que se orquestrou durante anos?

Assim como no clássico da Bossa Nova, intermezzo de cromatismo e vistosa tessitura, o discurso acadêmico dominante é o rocambole dogmático e normatizante, desvitalizado e estéril que esses robôs avariados lançam mão, com toda a "elegância" e "estilo" de que são capazes... Em ambos os casos, arremedo de singularidades.

Esse modelito mal-acabado de explicação e compreensão do mundo e dos fenômenos jurídicos é renitente em ultrapassar os limites cartesianos: É incapaz de perceber a multidão interconexa de desejos e singularidades operando no sentido da construção e desconstrução de uma intertextualidade que escapa por entre as malhas do saber dominante.

Não sendo capaz de perceber algo além do seu próprio discurso monocórdio, ou de acompanhar o punctus contra punctus que é a radical sinfonia dos discursos desejantes, como seria capaz de enxergar para além das carcaças ideais desse sepulcro caiado que é o Direito??

Sérgio Jacomino

Entrevista: Dácio Giraldi*

Por Sergio Jacomino

VV- Na sua opinião, qual a importância da disciplina de IED?

DG - Passa pelo óbvio afirmar que a cadeira de IED se proponha a fornecer aos alunos conceitos e informações elementares úteis ao estudo nos subseqüentes anos do curso. Muitas vezes, a disciplina de IED é confundida com a de Instituições de Direito ou com a de Teoria Geral do Direito, entendendo-se esta como estudo dos conceitos comuns a todos os ramos do Direito (como os conceitos de sujeito de direito, coerção, relação jurídica etc.) e aquela como panorama de todo o conjunto de disposições normativas em nosso país, um estudo de cunho informativo e genérico. O aluno de Direito não precisa dessas abordagens, porque ele vai estudar durante cinco anos, com presumida profundidade, todas essas normas e conceitos técnicos.

VV- Qual o papel, então, dessa disciplina?

DG - Uma introdução é algo que se propõe a indicar um conjunto complexo de problemas, sem esgotar seu estudo, a ser desenvolvido posteriormente. Assim, uma introdução ao Direito deve levantar problemas constantes no estudo dessa matéria, instigando o aluno a refletir sobre estes mesmos problemas, o que é essencial para que ele não seja massacrado e robotizado durante o aprendizado, tomando como certeza aquilo que, a rigor, não passa de mais um problema a exigir uma reflexão pessoal. Na atividade profissional do jurista, as certezas transmitidas durante o curso de Direito se transformam em problemas, há várias correntes doutrinárias e jurisprudenciais, as normas comportam leituras diversas, os conflitos de interesse assinalam sempre mais de um caminho para sua resolução, e o aluno, agora profissional do Direito, sente-se desamparado, porque aprendeu a apreender certezas e não à pensar o problema e o conflito. Deste modo, a disciplina de IED possui um caráter propedêutico, preocupando-se em fornecer aos alunos elementos para estudo posterior do Direito, e um caráter crítico, no sentido forte proposto por Miguel Reale, um estudo sobre os critérios do discurso jurídico. Trata-se, portanto, de um estudo muito mais difícil porque põe em dúvida os pressupostos, as certezas, das diversas explicações dadas ao Direito, para que o aluno possa escolher, fundamentadamente, a opção que lhe parecer mais rigorosa. O aluno passa a sujeito e não a objeto do estudo do Direito.

VV- Qual é, na sua opinião, a importância de uma Faculdade de Direito na região do ABCD e como deve ela reagir aos influxos políticos, culturais e sociais que se produzem?

DG- A questão proposta tem uma amplitude demasiada, de modo que a resposta não poderia aqui esgotá-la, pois precisaríamos discutir, inclusive, os conceitos de cultura, política e sociedade. De um modo geral, todavia, a região do ABCD se apresenta como um fenômeno exemplar da industrialização recente do Brasil, por intermédio de recursos estrangeiros e empresas transnacionais, industrialização essa, que gerou grandes conflitos entre capital e trabalho, bem como grandes contribuições entre um setor da sociedade altamente sofisticado e outro, uma maioria de marginalizados dos benefícios trazidos por essa riqueza . Esse processo de industrialização parece ter se esgotado, como assinala a paralisação do crescimento econômico na década de oitenta, sem que tivéssemos tempo para equilibrar as desigualdades sociais. Isto gera um quadro de turbulência institucional, seja no sentido de rejeitar o autoritarismo, como os movimentos grevistas lograram atingir, seja, num sentido negativo, na incapacidade de encontrar as regras que orientam nosso jogo social. Este impasse se descortina muito acentuadamente na região do ABCD, e uma faculdade nela situada necessariamente precisa refletir sobre estes problemas, porque deve lidar com eles praticamente. Em se tratando de uma Faculdade de Direito o problema se torna ainda mais importante, porque a redefinição das regras do jogo social e o requilíbrio institucional do país são temas próprios de juristas.

VV-O Sr. acha que o Direito pode ser instrumento de transformação social? Como?

DG - Sim, tenho certeza disso, basta verificar a história. Durante o século passado, entendia-se o Direito apenas como um instrumento de manuntenção da ordem, visando apenas a restauração do quadro social. No século XX, este papel se alterou, especialmente após a Segunda Grande Guerra, quando o Estado passou a conduzir a economia, mudando o caráter do Direito ao lhe conferir uma função promocional. No Brasil, todo o processo de industrialização só foi possível por intermédio de novos institutos materiais e processuais, bem como de uma disciplina normativa constante, especialmente na Administração Pública. Esta função promocional de Direito ainda não recebeu dos juristas um estudo sistemático e global, já que ele não se explica pelas categorias criadas no século XIX. Todo esse processo cria a oportunidade para que a sociedade organizada imprima alguma direção às transformações sociais na vida pública. Pra ficar nos exemplos mais óbvios, no Brasil, lembremos a oportunidade de iniciativa popular nos projetos de lei, a ampliada legitimidade de agir nas ações civis públicas, populares e de inconstitucionalidade, bem como a ampliação dos limites subjetivos da coisa julgada nestas hipóteses. São exemplos evidentes dessa nova função do Direito, que podem ser otimizados pela competente organização da sociedade civil. Para isso, precisamos de juristas tecnicamente competentes e politicamente esclarecidos, o que só é possível pelo estudo vigoroso da técnica jurídica associado à uma reflexão teórica multidisciplinar, ou seja, com conceitos de economia, sociologia, história e filosofia.

VV- Qual a metodologia de ensino que se harmoniza com os direitos alternativos ou insurgentes, como preferem alguns?

DG - De certo modo, eu já antecipei esta resposta. Primeiramente, vamos esclarecer que por direitos insurgentes não entendemos apenas aquelas reinvindicações das classes marginalizadas por conquistas sociais, mas um fenômeno mais amplo de redefinição da função social do Direito em todos os seus ramos que, no Brasil, envolve aquele triste problema da brutal desigualdade social, mas que, no resto do mundo, também se apresenta. Cuida-se de um processo de renovação da atividade e reflexão dos juristas, que se expressa, por exemplo, na reflexão sobre a instrumentalidade do processo, na desregulamentação do Direito do Trabalho, na internacionalização do Direito Comercial, na visualização da Constituição como programa social,na preocupação dos juristas com a efetividade das normas, questões novas e insurgentes, se pensadas a partir do modelo teórico do século XIX. Os juristas enfrentam o desafio da renovação de seu conhecimento, não se trata de subversão política, mas do despertar do jurista para essa nova realidade, reconquistando o campo de estudo e atuação que ele perdeu para os economistas e sociólogos. Uma tal conquista não será possível escondendo a cabeça na areia e fingindo que nada mudou, ou apenas desqualificando o discurso dos economistas e sociólogos citados. Devemos, por outra, refletir sobre técnica jurídica à luz dos conhecimentos acumulados por outras disciplinas, numa reflexão sobre nossos critérios de abordagem da sociedade, resgatando a importância do Direito, que não pode se confundir com a ordem do dia.

(*) Dacio Giraldi é Juiz de Direito e professor da Cadeira Introdução ao estudo de Direito.

ENTREVISTA : EDUARDO DOMINGOS BOTTALLO

CAÇA AO FORA DA LEI

por ALEXANDRE SECCO e SÉRGIO JACOMINO

VIVO VINTE- Porque o senhor mantém sua posição de proibir a venda de cerveja na faculdade?

EDUARDO DOMINGOS BOTALLO- Eu acho importante que tenha sido feita esta pergunta, pois é mais uma oportunidade para deixar pública a minha opinião, que na verdade é muito simples: A legislação, que disciplina o funcionamento das instituições de ensino, proíbe a venda de bebidas alcoólicas em seus estabelecimentos, de modo que eu poderia responder de uma forma muito simples, dizendo que minha decisão está ligada a uma preocupação em manter a lei. À par disso, uma outra razão está ligada a episódios concretos que aconteceram na faculdade, que por estarem superados, me abstenho de comentar.

VIVO VINTE- O C.A. como entidade independente poderia realizar a venda de cerveja...

BOTALLO- Eu tenho sérias dúvidas quanto a isso, porque o C.A. tem a sua independência dentro dos limites da lei.

VIVO VINTE- Se outro diretor da faculdade liberasse a venda?

BOTALLO- Eu pessoalmente seria contra.

VIVO VINTE- O senhor, quando era estudante, bebia cerveja no XI?

BOTALLO- Não, só no Itamarati que era do outro lado da rua. O XI nunca vendeu cerveja. Eu gosto de beber cerveja, adoro beber cerveja, só que para isso existe a padaria, o restaurante... Finalmente eu gostaria de dizer que se eu tiver que ser lembrado pelos meus erros, que a proibição da venda da cerveja tenha sido o único.

VIVO VINTE- O funcionamento da cantina do "Zé" cumpre as exigências legais?

BOTALLO- Eu já determinei a abertura de concorrência para a cantina da faculdade, e será realizada ainda este ano. Sem qualquer opinião que se possa ser levada quanto a boa ou má qualidade dos serviços, a cantina será levada a licitação.

VIVO VINTE- A administração de São Bernardo pensou em uma indicação para diretor fora dos quadros da faculdade? Existe algum tipo de influência em relação a seu cargo?

BOTALLO- Que eu saiba a administração se ateve ao quadro, aliás devo deixar claro que eu nunca recebi qualquer tipo de pressão, absolutamente nenhum! Eu me sinto na obrigação, como diretor de uma autarquia municipal, de deixar a administração constantemente informada sobre o que acontece na faculdade e até agora só tenho recebido apoio e palavras de estímulo.

VIVO VINTE- Seu mandato, que é de dois anos, vence em fevereiro de 91, só que há uma lei federal cujo texto estabelece uma gestão de 4 anos. O senhor aceitaria permanecer no cargo efetivamente se entendesse que a gestão é de 4 anos?

BOTALLO- Em princípio a lei municipal estabelece que não é possível a reeleição(sic) e esta é uma questão que considero da menor importância, pois não me aferro a cargos por detalhes da lei. No momento é muito difícil responder se permaneceria no cargo ou não, prefiro esperar que os acontecimentos ocorram.

VIVO VINTE- Foi armado um esquema policial na faculdade para verificação das listas de presença .Qual é a sua posição?

BOTALLO- Como premissa inicial eu sou contra a lista. Eu acho que a verificação de frequência se trata de um conceito medieval de universidade. Só que nesse ponto,voltando a falar de lei, exige-se a verificação de frequência. O que fizemos não foi armar um esquema policial, o fato é que após um trabalho muito criterioso, descobriu-se casos evidentes de assinaturas que eu chamaria de... (pausa) apócrifas. Só constatamos uma situação para que pudesse ser devidamente avaliada a fim de pensar em uma forma de cumprir a lei sem que ela fosse ostensivamente burlada e não causasse maiores constrangimentos aos alunos.

VIVO VINTE- Quando foi colocada na lista uma indicação para que as pessoas comparecessem à secretaria, isso causou inquietação, as pessoas se incomodaram e nada foi resolvido.Isso não deveria ficar no âmbito administrativo?

BOTALLO- Qual é a maneira de fiscalizar melhor, senão conferindo as assinaturas? Quando um cheque é emitido a assinatura também deve ser abonada. Eu queria concluir afirmando que a questão da colheita das assinaturas ainda está em aberto.

VIVO VINTE- O senhor admite que o controle de frequência gera comodidade por parte dos professores já que eles têm a garantia de presença dos alunos em suas aulas?

BOTALLO- Eu admito que o sistema gera comodidade por parte dos alunos também...

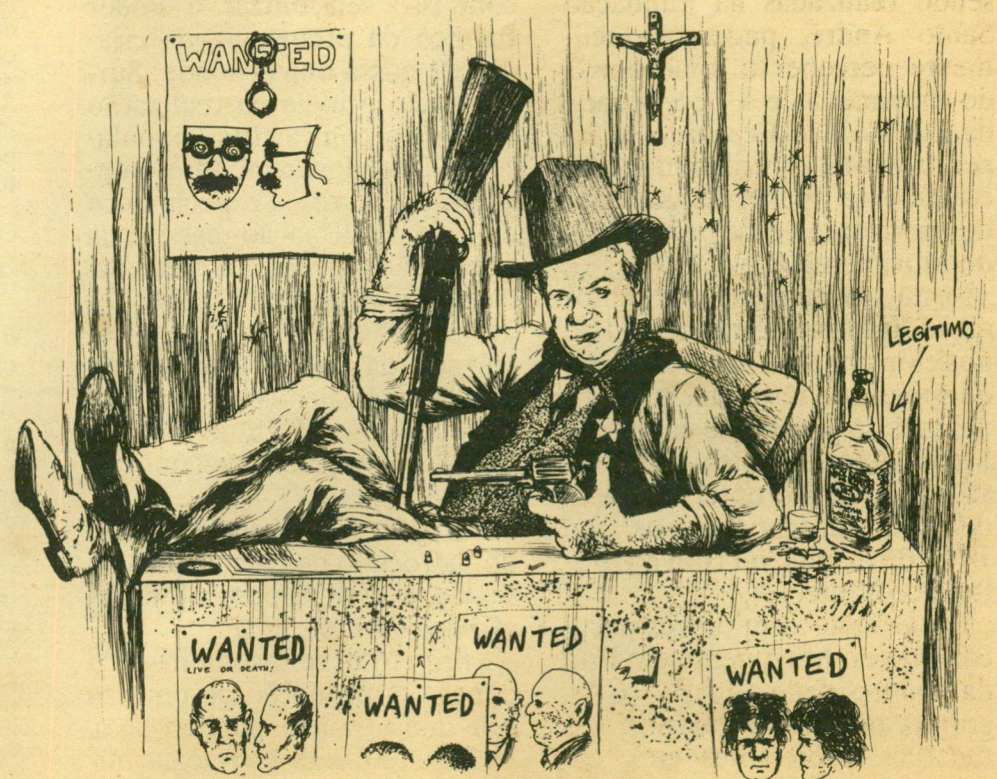
VIVO VINTE- O senhor acha que os alunos procuram as aulas em função exclusiva da qualidade profissional dos catedráticos?

BOTALLO- Isso depende da cabeça de cada aluno. Eu posso admitir que existem alunos que estão na sala em virtude exclusiva da necessidade de assinar a lista, agora em que porcentagem esses alunos fazem parte da comunidade eu não sei. O problema da lista, eu friso, está em aberto. O método de coletas de assinaturas é antigo e obsoleto. Teremos que encontrar um melhor.

VIVO VINTE- Quando da sua indicação, falava-se que o seu não era o nome ideal na visão da administração do município Que motivos o levaram a aceitar o cargo?

BOTALLO- A respeito de se dizer que eu não era o nome ideal isso me surpreende totalmente. Porém eu aceitei ser diretor porque achei que poderia fazer um bom trabalho, gosto da Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo e tenho idéias claras sobre como uma faculdade deve ser dirigida, só por causa disso...

VIVO VINTE- Quais os pontos de destaque na sua administração?

BOTALLO- A primeira atitude importante foi a celebração do contrato com a Vunesp para a realização do exame vestibular. Eu achei que esse convênio trouxe importante benefício para a faculdade, até porque a integrou no âmbito de ação da universidade. Isso fez também com que nós pudéssemos ter critérios absolutamente transparentes para a seleção de candidatos. O segundo ponto importante foi o de dinamizar o setor de especialização e aperfeiçoamento. Já foram realizados durante a minha gestão, doze cursos de extensão e aperfeiçoamento, que trouxeram para a faculdade, perto de mil advogados militantes da região. Isso é só a semente de um sonho que tenho:estabelecer na faculdade um centro de pós graduação. O ensino aqui está rigorosamente dentro do nível que é oferecido em São Paulo.

VIVO VINTE- Como está indo o convênio com a prefeitura de São Bernardo, e o escritório experimental?

BOTALLO- Esse é justamente o terceiro ponto que eu gostaria de abordar. Através do convênio com a prefeitura o aluno do curso de bacharelado pode receber um treinamento profissional atuando nas diversas áreas jurídicas mantidas pela prefeitura. Com isso revitalizamos o setor de assistência jurídica da faculdade e propiciamos um treinamento que eu duvido que faculdades congêneres possam propiciar. Quanto ao escritório experimental, será uma espécie de laboratório, prestando serviços à comunidade, porém atendendo apenas determinados casos de interesse para estudo. Infelizmente tive que deixá-lo meio de lado para me concentrar mais na questão da assistência judiciária.

VIVO VINTE- Fale de outros projetos...

BOTALLO- Um outro que eu queria destacar é a criação do corpo de monitores, que serão auxiliares do professor e poderão exercer um trabalho que envolva uma participação mais próxima por parte dos alunos, em seminários, estudos dirigidos e outras atividades.

VIVO VINTE- Qual a importância da pesquisa que a faculdade realiza em conjunto com a USP?

BOTALLO- É que, pela primeira vez, a faculdade realiza uma pesquisa de cunho social a fim de levantar o perfil do cliente da assistência judiciária em São Bernardo do Campo. Através do trabalho com bolsistas da faculdade, serão entrevistadas cerca de mil e setecentas pessoas para que possamos chegar a conclusões sobre a forma de assistência ao carente em São Bernardo [vide texto].

VIVO VINTE- E a biblioteca...

BOTALLO- Tenho a promessa do prefeito que teremos aqui uma bibliotecária, que vai reorganizá-la A partir daí nós vamos procurar recursos para dotá-la do mínimo necessário às necessidades dos alunos da faculdade.

VIVO VINTE- Qual é sua opinião sobre a Universidade do ABC?

BOTALLO- Ainda não conheço um projeto avançado para isso. Acho que a criação simplesmente não resolve os problemas da região. Enfim, não tenho uma opinião formada.

VIVO VINTE- Como o senhor avalia o quadro de professores e a qualidade de ensino da Faculdade de Direito de São Bernardo?

BOTALLO- O ensino aqui está rigorosamente dentro do nível que é oferecido em São Paulo. Posso dar meu testemunho como professor de várias casas e acho que a FD-SBC tem-se destacado. Quanto aos professores, vejo que todos desempenham suas funções a contento. Na verdade é o currículo dos cursos de direito que está na hora de ser repensado.

VIVO VINTE- O que será feito em relação ao documento apresentado à Câmara Municipal de São Bernardo,pelo professor Lenildo Tabosa Pessoa, cujo conteúdo indica irregularidades em administrações passadas?

BOTTALO- Eu posso dizer que já foi aberta uma comissão de inquérito, mas por enquanto não é oportuno falar no assunto. Quando tivermos resultados, levaremos ao conhecimento da congregação.

PROJETO UABC, ALTERNATIVA CULTURAL

Marco Antônio Violin(*)

Destacados pela diretoria do "VINTE" para acompanhar as discussões acerca da UABC - Universidade do ABC, que vêm sendo realizadas na Fundação Santo André, pudemos facilmente perceber a importância do movimento e a necessidade da Direito São Bernardo se fazer presente, contribuindo, concretamente, para alargamento dos horizontes e da perspectiva do Movimento Pró-UABC.

Nesta oportunidade daremos alguns informes gerais e o nosso posicionamento acerca das questões que têm acalentado os debates do grupo que compõe o Movimento. Os colegas interessados poderão obter maiores detalhes procurando-nos no 1º"C" da manhã, ou com a Diretoria do Vinte.

Em contato com outros participantes do Movimento em Prol da Universidade do ABC (CAs, grupos político-partidários, estudantes, professores etc), começamos a perceber a necessidade de um efetivo respaldo da opinião pública para ampliar as discussões e atingir a sociedade civil como um todo, sensibilizando-a para a idéia da UABC, trazendo-a para o Movimento, não permitindo que o assunto se esgotasse tão-só no circuito viciado dos grupos político-partidários - natural e necessariamente envolvidos.

Passamos a renunciar às enfadonhas e intermináveis discussões para lançarmos-nos tão logo a uma atuação concreta que contemplasse este objetivo: daí surgiu a proposta da elaboração de um projeto cultural, que funcionaria com a participação de grupos ou pessoas ligadas às artes em geral, que se simpatizassem e se solidarizassem com a proposta da UABC. Através de apresentações cênicas, musicais, poesia, pintura etc..., a atenção da coletividade local seria atraída, e um trabalho de panfletagem e uma abordagem se incumbiriam de conscientizar um número cada vez maior de pessoas. Esses grupos teriam assim uma atividade praticamente local, nas faculdades que são o seu meio, não descartada, evidentemente, que de forma itinerante exibam seu trabalho em outras localidades,quando possível.

Mas este trabalho local de *tête à tête* não teria plena eficácia se, de quando em vez, não houvesse um agrupamento unificado de simpatizantes onde pudéssemos provar a popularidade da proposta e com isso sensibilizar o Poder Público da premência da criação de nossa universidade. Surgiu então a idéia da realização de Shows com artistas populares convidados, com apresentações ao ar livre - a expectativa é de uma participação massiva da população jovem interessada. Na reunião de 12 de maio, foi destacada uma comissão encarregada da organização desses eventos artístico-culturais, que se reuniu no dia 15 de maio às 22h30, e estabeleceu alguns critérios:

-O projeto não pode prescindir do patrocínio dos municípios da região do ABCD para a realização dos eventos.

-O projeto deve incumbir-se da criação e promoção de um *slogan* que atraia o público alvo, elaborando uma estratégia mínima de propaganda do movimento, visando à fixação das propostas e ao maior aproveitamento possível das *medias* escritas, faladas e televisivas, assim como estratégias alternativas para a ocupação desses espaços.

-A elaboração de um cadastro com os contatos de grupos culturais afins e ou representantes estudantis, para que possamos quantificar e mapear nossas potencialidades.

A idéia é, pois, alcançar o maior número de pessoas.Na verdade, a idéia da UABC precisa alcançar a FD-SBC, que se tem mantido à distância- às vezes cautelosa, às vezes indiferente. A importância de uma Universidade no ABC, que pudesse contemplar à rica demanda que se produz numa região como a nossa, não pode passar desapercebida. É importante a participação do corpo docente e discente de nossa Faculdade para a concretização desse projeto, com amplos e favoráveis reflexos na nossa vida acadêmica.

(*) Marco Antônio Violin é bacharel em matemática pela Fundação Santo André e acadêmico de direito, 1º ano "C"

TICKET PARA O INFERNO A PRISÃO EM SBC

Sérgio Jacomino

Em decorrência de suas atividades profissionais junto ao Escritório Regional de Saúde (ERSA-9), da Secretaria de Estado da Saúde, o médico sanitarista Dr. José Ruben de Alcântara Bonfim procedeu ao levantamento das condições sanitárias e de saúde na Cadeia Pública de São Bernardo, a fim de comprovar a suspeita de epidemia de hepatite a vírus, bem como surto de doenças infecto-contagiosas, ou de agravos inusitados à saúde, que colocariam em risco a incolumidade dos presos e funcionários daquela instituição.

Constatado o precaríssimo estado de conservação do presídio local, com suas instalações inadequadas, infra-estrutura sanitária deplorável corpo de funcionários insuficiente, mal remunerado e preparado, e outros sérios problemas, foi elaborado do laudo médico apontando não só o risco iminente à saúde da população carcerária, como também trazendo em seu bojo reflexão acerca do significado da manutenção desse estado degradante e deplorável de coisas, pondo a nu a inconsistência do discurso sócio-jurídico que embasa as justificativas oficiais acerca da Instituição Penal e ressocialização de presos.

Desprezando a legislação das Execuções Penais, o Dr. José Ruben buscou elencar em seu laudo, encaminhado ao MM. Juiz de Direito Corregedor dos Presídios de São Bernardo, a legislação sanitária concernente à proteção dos animais, demonstrando, pateticamente, que esses têm garantido melhor tratamento que os dispensados aos presos da Cadeia Pública de São Bernardo...

A inação dos poderes públicos competentes na solução dos graves e urgentes problemas que afetam a população carcerária sempre tem como justificativa básica a crônica falta de recursos que os impede de qualquer iniciativa. Esse surrado argumento mascara uma opção política e não consegue, evidentemente, responder à expectativa que temos, técnicos do direito e sociedade civil, de ver solucionados ou minorados os graves problemas que afetam os presídios.

O tema é polêmico. A opinião pública, bombardeada diuturnamente por programas radiofônicos e televisivos que exploram o *mondo cane*, tem-se mostrado cada vez mais arredia e infensa à idéia dos "Direitos Humanos" - mormente quando se tem em perspectiva a criminalidade e os clientes das prisões brasileiras. E todos sabemos que a história do desgaste da idéia dos Direitos Humanos é a história da triste vocação autoritária da sociedade brasileira.

A incapacidade dos últimos governos de produzir fatos significativos para minoração dos agudos desajustes sociais, procurando impingir, como "conquista" da sociedade, uma política dos direitos humanos dissociada da realidade que poderia produzi-la, tem dado lenha aos oportunistas e detratores de todas as horas - e alimentado a fogueira das vaidades de alguns secretários de estado...

O enfoque juridicista e formalista, que se sustenta na base ideológica do direito natural e do estado de direito,levou-nos a um esgotamento e à necessidade de repensar os direitos humanos a partir de uma perspectiva política.

No desolador panorama de nossa realidade social e política, onde imperam a desfaçatez e hipocrisia - filhas diletas de nossa cultura privatista no trato com as questões sociais - alguma luz se faz: acaba de ser instalado o Serviço de Defesa dos Direitos Humanos e Sociais, criado pela Lei Municipal 3388 de 23/10/89, ligado à Secretaria de Assuntos Jurídicos da Prefeitura e, de modo transverso, à Faculdade de Direito [vide texto nesta edição].

Sabedor da necessidade de tomar medidas urgentes e concretas para fazer frente a esses problemas, visando trazer à reflexão de nossa comunidade acadêmica os fatos que ensejaram a iniciativa oportuna do Governo Municipal, dr.José Ruben procurou o C.A. XX de Agosto para, numa abordagem multidisciplinar, levantar questões que tanto podem interessar aos técnicos da área da saúde pública, quanto aos técnicos do direito, oferecendo suas conclusões às autoridades competentes e à comunidade em geral.

O Centro Acadêmico XX de Agosto convida os alunos interessados para participarem dos estudos preliminares para a constituição de um Centro de Referência e Estudos dos Direitos dos Presos, a funcionar provisoriamente nas dependências do CA.

A série de eventos em curso na Faculdade, como a "Pesquisa em São Bernardo" [vide texto nesta edição], o convênio com a Prefeitura Municipal para assistência jurídica à população carente - inclusive na área dos direitos humanos e sociais - e a iniciativa deste Centro Acadêmico e da Direção da Faculdade de Direito de São Bernardo em operar reformas no ensino jurídico, podem criar as condições favoráveis para o surgimento de uma consciência política que se aperfeiçoa, justamente, na crítica, denúncia e no trabalho para o resgate da dignidade humana.

SEMANA CULTURAL

Sérgio Jacomino (*)

A propósito do Programa Cultural, em gestação pelo Grupo de Alunos para o Progresso da Arte (GAPA - hum ... deixa prá lá !) da Faculdade de Direito, com vistas à Semana Cultural, muita coisa poderia ser dita. Proponho só algumas à sua consideração, caro acadêmico.

O nosso querido Hospital de Base, vulgo Faculdade de Direito de São Bernardo , não tem o que se poderia chamar propriamente de "vida cultural" - exceto, eventualmente, os encontros etílico-vômito-culturais e o rala-rala que por aí chamam de lambada, tudo com direito a troca de tiros, navalhadas *et reliqua*. Poder-se-ia perfeitamente incluir no rolas domingadas fundamentalistas que enchem de encanto místico e esperma o teatro e o estacionamento da faculdade...

Pois bem, a tigrada sempre insiste. Todo santo ano, meio assim como desencargo das sucessivas gestões do (des)centro acadêmico, promove-se a tal semaninha cultural que é chamada, tradicionalmente, de "Coisa Nossa". Apropriado nome! Nossa Frangolândia Sitiada desenvolveu tamanha xenofobia nos últimos tempos barbudos que é de fazer água na boca até de Monsieur Le Pen : os *bambini talentosi* costumam fazer uma cosa nostra tão nostra, mas tão nostra, que se reúnem para cantar música que ninguém ouve, ler poesia que ninguém curte e - quando de bom humor - contar piadas que ninguém entende...

"Mas, o que é isso, companheiro ?" - alguém redargüiu estremecido - "justamente para animar a vida cultural da faculdade é que se faz a Semana Cultural..." Hum..."animar a vida",hein ? Que tal "iluminar a luz" dos acadêmicos ?

O deliciosamente redivivo Oswald de Andrade disse-me, certa feita, que desde que se inventou a ortopedia, por uma fatalidade de equilíbrio cósmico, cresceu assustadoramente a estatística dos nascidos tortos. Temo só de pensar na fornada de poetastros e outras *coisas nossas* que terão saído da Semana de Arte...

Esse ajuste dialético (se me permitem), que faz dessa fome específica de cultura o vício anual da manada kibo-frango-polento-bateteira, produz ainda outros fatos prenhes de relevância cultural: o tradicional espancamento de menores arrombadores de carros da faculdade, por exemplo; o esporto mutcho matcho dos *bambini talentosi*: O TRUCO (Suspeita-se que essa turma resolveu, definitivamente, a questão complicada das pulsões: não precisam de mais nada. Nada mesmo !)!

Returning to the cold cow: o que importa mesmo é que, talvez ineditamente, a semaninha cultural não vem sendo neste ano organizada pelo nosso Centro Acadêmico. A suspeita de que esse enguiço fundamental para a produção de fatos culturais é algo que decorra da Instituição mereceria muito bem ser pensada. Afinal, essa incapacidade cósmica para o acerto parece ser, definitivamente, a triste sina das Instituições da República Federativa da Bruzundanga. E, nesse momentoso quartel da vida nacional, onde as milícias colloridas, em cardinales bonitas, ocupam e povoam o imaginário popular, parece lícito supor as vantagens do comércio cultural expungido das instituições e liberto nos mares vivificantes do Mercado. Essa é a opção inteligente, certo ?

Vamos, pois, a essa empresa.

A semaninha *rides again*.

It's cosa nostra. Ma non troppo !!

(*) - Sérgio Jacomino é só acadêmico de direito.

O QUE NÃO É *COSA NOSTRA*

"Vamos fazer a vocês algo terrível. Vamos privar vocês de um inimigo.(Gecrói Arbatov, especialista soviético em política externa, falando a norte-americanos).

O que se convencionou denominar Movimento de Arte -- nunca Grupo de Alunos para o Progresso da Arte, conforme sugerido -- não guarda, definitivamente, a mínima identidade com qualquer outro grupelho,que, em obscuros tempos, haja se entrincheirado nos leitos infecciosos do nosso deletério "Hospital de Base". *Verbi gratia*, eis aí alguma novidade,não para aqueles que acorreram ao anúncio dos trabalhos para a composição do Movimento.

É certo, contudo, segundo bem nos afiançam fidedignas fontes, que eventos promovidos durante a então tradicional "Coisa Nossa", por vezes patrocinada por anteriores gestões do Órgão de Representação Estudantil desta Faculdade de Direito, representaram cópia fiel do espectro cultural da época, não tendo forças bastantes para transpassar as barreiras de um juvenil frenesi artístico, que acabou por desaguar na já poluidíssima e espumante represa de idiossincrasias que hoje desejamos limpa. Neste sentido, plenamente razoável a denunciação inserida no texto do artigo referido.

Melhor sorte não mereciam, por seu turno, as expressivas demonstrações do baixo nível cultural deste meio acadêmico, tão corriqueiramente encontradiças nos corredores do prédio-albergue desta Casa de Ensino Jurídico,lideradas francamente pelo valoroso contraponto à *politeness of the most brilliant British sport:* o varonil truco.

Até esta altura, o que se tem são inexpugnáveis e consabidas realidades, já bem desgastadas pela corrosão temporal, às quais quase não atinamos.

No que diz respeito à pretensa intensão de ressuscitar a vida cultural da Faculdade (como se um dia houvesse existido alguma forma de vida) mercê da efetivação de um projeto qualquer que o Movimento esteja encaminhando, deve-se esclarecer, por mais patente que aos olhos salte, que a empreitada artístico-cultural ou elítico-cultural -- em verdade não importa -- é criação acalentada por acadêmicos que jamais concorreram para o advento das mal fadadas revoluções pseudo-culturais do passado e que,por isso, não podem aquiescer ante confusas definições dos objetivos perseguidos na atualidade.

O que mais se faz impertinente para que se coloquem às claras os efeitos que certamente advirão dos trabalhos propostos pelo Movimento de Arte -- em gestação há apenas doze semanas -- haja vista não se pretender, indevidamente, veicular qualquer publicidade por meio do presente pronunciamento.

Ademais, não nos propomos a atacar manifestações que eventualmente pretendam abortar o projeto de congregação artístico-cultural, nem tampouco buscamos oligopolizar sua representação, sob pena de darmos azo a despropositados embates, robustos apenas para frustar nosso intento de rejuntamento cultural do atassalhado mosaico acadêmico que hoje somos compelidos a contemplar.

Fabio de Almeida Braga é acadêmico quintanista integrante do Movimento de Arte.

Ocupações urbanas: breves considerações sobre o papel do Direito na questão

Luiz Cesar Machado de Macedo (*)

Durante a década de 70, assistimos a uma nova distribuição espacial da população brasileira, o que foi confirmado pelo censo de 1980, que indicava que cerca de 70% da população se fixou em áreas urbanas, especialmente nos grandes centros urbanos e metrópoles. É nessa época que encontramos cada vez mais presente no cotidiano social urbano o surgimento dos movimentos populares por água, luz, saneamento básico, saúde, educação e principalmente moradia (Lúcio Kovarick). A ausência desses benefícios urbanos por parte de uma significativa parcela dos habitantes dos grandes centros, criou uma sectarização entre a " cidade legal" e a cidade ilegal entre os "cidadãos plenos" e aqueles que não tem "direito à cidade", por conseqüência, os "não cidadãos" (Ermínia Maricato).

Nesse contexto histórico, os conflitos sociais urbanos se apresentam confrontando o DIREITO DE PROPRIEDADE com o DIREITO À MORADIA.

As características e a forma de defesa do direito de propriedade como direito positivo estatal estão escondidos, em especial, no Código Civil e no Código de Processo Civil. Cabe destacar que existem dispositivos contraditórios e até mesmo desatualizados no bojo da legislação supra mencionada, principalmente quando tratados em conjunto com o instituto da posse e, nesse sentido, remetemos a questão para o monumental tratado de JOSÉ CARLOS MOREIRA ALVES sobre a posse (evolução histórica e estudo dogmático).

No tocante ao direito à moradia, é o mesmo reconhecido pela nova ordem constitucional, de maneira indireta, pela atribuição comum à União, Estados, Distrito Federal e Municípios, da promoção de programas de moradia e melhoria das condições habitacionais e de saneamento básico. (conf. Art. 23, IX da C.F.).

No entanto, uma constatação é inegável: o direito como modo de equacionamento dos conflitos fundiários urbanos está em crise. E nesse sentido citamos JOAQUIM DE ARRUDA FALCÃO ao comentar a relação entre o direito vigente e ocupações urbanas nos grandes centros: " No Recife, como provavelmente no Rio, São Paulo, ou Belo Horizonte, no final da década de setenta, início dos anos oitenta, o modo de aquisição de propriedade imobiliária não foi, como reza o Código, por escritura pública passada e registrada em cartório. Muito menos por contratos de financiamento do Sistema Financeiro Habitacional. Quantitativamente falando, o modo dominante de aquisição de propriedade imobiliária foi através de invasões urbanas. É o que os fatos demonstram".

Na mesma obra e mais adiante conclui com relação as ocupações urbanas:

" a) O equacionamento jurídico do conflito por diversas vezes abandonou a concepção de direito de propriedade prevista no Código Civil.

b) Este abandono ocorre tanto nos casos equacionados pela negociação quanto pelo Judiciário, e é consensual na medida em que envolve a aceitação de todas as partes envolvidas - invasores, proprietários, Executivo e Judiciário.

c) A outra concepção de direito de propriedade sugere que o direito social à moradia é uma limitação de usar, gozar e dispor do proprietário como previsto no Código Civil.

d) O equacionamento do conflito foi então obtido através da aplicação de uma concepção de direito de propriedade que combina a concepção legal com outra concepção." (op. cit. pág. 96).

Uma das respostas que a doutrina e a jurisprudência modernamente vêm dando à questão das ocupações urbanas é o redimencionamento do Instituto da Propriedade e da posse, neste, trazendo importantes contribuições advindas da adoção da teoria social da posse de SALEILLES e PEROZZI (Vide exposição sumária das teorias acima em MOREIRA ALVES, op. cit. in fine).

Da mesma forma, a interdisciplinariedade tem trazido importantes contribuições para a ciência do Direito, e nesse aspecto a sociologia urbana através das obras de M. CASTELLS e J. LOJKINE nos demonstram que os problemas urbanos não são exclusivamente dos países do terceiro mundo, mas também dos países ricos e desenvolvidos do primeiro mundo.

Tais preocupações não são externas a nossa realidade, já que, em São Bernardo do Campo, de cada 5 habitantes 1 mora em favela, sendo que estas somam cerca de 120 núcleos com população aproximada de 110.000 pessoas. O que vale dizer que são, pelo menos, 20.000 famílias vivendo em condições inumanas (dados do Departamento de Promoção Social - PMSBC).

O resgate da cidadania, no sentido original de "direito à cidade", passa dentre tantas outras coisas pela regularização da questão fundiária dessa população seja pela propositura de ação coletiva de usucapião especial constitucional urbano (Art. 183 da C.F.) seja pela defesa da posse dessas populações quando da propositura das ações petitórias e possessórias por parte dos proprietários das áreas ocupadas, ações estas, cabe esclarecer, movidas quase que exclusivamente com a finalidade de forçar o Poder Público a uma "intermediação onerosa" pela via de Desapropriação; e por fim, pela orientação e assessoria às entidades populares no sentido de organizá-las juridicamente.

Todas estas tarefas, graças a aprovação por parte da Câmara Municipal do Serviço de Assistência Jurídica (lei municipal 3388 de 23 de outubro de 1989), mantido pela PMSBC, vêm sendo desenvolvidos de forma a garantir o preceito constitucional de assistência jurídica integral e gratuita aos que comprovarem insuficiência de recursos (Art. 5, LXXIV da C.F. e Art. 7 da Lei Orgânica Municipal) propiciando, acreditamos, uma nova perspectiva sobre o papel do Direito .

*Luiz Cesar Machado de Macedo é chefe de serviço de Defesa dos Direitos Humanos e Sociais da PMSBC!

Outono de 90

Dizíamos outro dia
de FRANJAS
(franjas da cidade, franjas do desejo)
e tudo aquilo que aborrece
a nitidez e a mesmice das formas & certezas.

Quase-algo
encruzilhada das encruzilhadas
por onde se vão tecendo as malhas
do desejo: What's new?

Falávamos do borrão sangue-vivo
nas tardes perdidas:
aquela ferida nos céus
e o outono,
a lua nas alamedas
e os guapuruvus, pardos e tontos,
arabescos turvos na noite,
Sim! Ela, a noite!

Tudo se desvanece.
E se recompõe
E jazz (Ella!) nos convence
que música é outra alegria!

Procuro, desatento e certeiro,
os rastros de nexos impossíveis:
Eu te inventaria, de qualquer forma!

As nuvens em movimento
e a delicada música de Duke Ellington
importância dos pequenos e graciosos
movimentos.

Vibra no ar o tesão,
o desejo em espiralados movimentos!
My foxy lady.

Inverno de 90

O quê de nossos sonhos ?
Nunca mais saberemos
como repisar nossos passos
e encontrar os tesouros
escondidos
nas galáxias.
não-parque-não-magrilla-não-flauta
não-dali-não-england-não-uruguay
não-bascoço
não-frangélico-não-pessoa-não-café
não-xirica-não-shaker-não-larry-não-zen
não-beautiful-boy
não-ella-não-eu
nem nós.
Não-fotos-não-lennon-não-&-não-yoko
não-história
não-fomos-não-nunca
não-direito-não-nada-e-não-tudo
não-sim-não
não-nao-não
não galáxias.
Não.

Eu, contudo, cacos.
Farrapos. Filetes. Vincos.
Em desalinho
enarmonia
Rompeu-se a corda
E nela reside o não-som
(não o silêncio).

Eu
arbusto
fincado
nas estrelas.

A luminosidade dos clarões
fulgurações do desejo
desenham arpões, anzóis,
farpas, arpéis, ganchos
onde se retorce
em ondas de prazer,
e gozo e
sofreguidão.

Sexta-feira da paixão
Dia de perda de identidade.
Espejismos.
Solidão.
Ajuntamento.
Tijolos.
A solidão dos tijolos.

À FILHA QUE JÁ NASCEU

"Eis o que me é dado ofertar à primogênita de meu querido amigo!"

Tamanha força soprava
Dos amores que
O vento trazia
Que se o mar
Às terras chegasse
Estancaria a correnteza
Com a fúria
De tal ventania

Que pelo interior
Da artéria correu
Tamanha correnteza vadia
Plasmática
Feito magia
Enxurrando o androceu
A natureza mágica
Da misteriosa alegria
Que teu ventre concebeu

Dorme com Deus
Luana-Alegria-Criança
Repousada na lembrança
Do brilho dos olhos teus.

Fabio de Almeida Braga
SBC, 08/08/90

JAZIGO

Quisera eu de madrugada
Quan
do ao nada estivesse entregue
Exceto ao que jaz empalhada
Uma silente e hipnótica prece
Já tão vacante quanto breve

Quisera então à noite
Já quando morto parecesse
Que aos céus fosse erigido
Galgando a passos incertos
Meu rumo há tanto perdido

Quisera esta pobre criatura só
Que quando ao leito lhe arrastassem
as pernas
Que ao menos lhe tivessem pena

Que Deus lhe tivesse dó

Porque então não me dão um sonho
Pois por mais fútil que me pareça
Mais do que já o é
Impossível é que floresça
Tão baixo quanto meu pé
Até que a lua adormeça
Abençoada pela maré.

Fabio de Almeida Braga
SBC, 30/08/90

SETE POEMAS NO INTERMEZZO DA RUPTURA

I

Se eu pudesse amar você
plena e desmistificada
se eu pudesse ter você
simples
e delicada,
se eu pudesse enchê-la deste peito
de tal jeito
que me sentisse viver, afinal...

II

Quantos peitos e quantos jeitos,
quanto sentir e viver, e quantos ouvidos não ouviram
o sopro deste sussurro,

e quantos corpos neste suor
se banharam como carne
e nenhum deles é maior
que o seu corpo sagrado...

III

Sagrado! seu corpo é sagrado!
amaldiçoado nome ao corpo dado...
é um corpo que se faz distante
no instante deste beijo desafinado,
deste abraço desajeitado,
deste não chegar ao laço
e de não aconchegar o braço inerte:
o braço de que verte a tristeza
e do corpo quebrado sobre a mesa:
o corpo sagrado na beleza infinita
que fita, cruel, meu corpo alquebrado.

IV

Ah! você está longe como estrela
e eu, monge e pequeno ao vê-la,
molhado ao sereno tanto da noite
que demoradamente se fez açoite e poesia
na umidade da escuridão presente,
na imensidão da maldade e pranto:
tanto a quero pequena e finita
bonita de que a carne espero,
serena e louca, uma mulher apenas.

V

Não quero sua alma de mulher,
mas, o eros na carne do corpo,
não quero o sonho distante do verso
não quero o Universo deste sonho,
eu quero a mulher despenteada,
(amada simplesmente no leito)
eu quero o seu suor de gente
e o seu peito, e o seu defeito
de não ser divindade,
defeito de ser gente e metade
desta cama e desta vontade...

VI

Se eu pudesse amar você
plena e desmistificada,
se eu pudesse ter você, apenas,

simples,
e delicada,
não seria este verso um verso,
seria madrugada sem ânsias
sem sonhos que na distância comum somem;
se eu pudesse tê-la abraçada...
não seria poeta, seria homem,
não seria poeta-homem.
não seria homem-poeta.
...seria homem que poetifica
que erra e desmistifica.

VII

Não quero o eu covarde
e não quero este homem metade,
(eu quero a fome e a sede)
a parede derrubada ao chão
empurrada com a mão humana,
desfazendo castelos do nada
e levantando cabanas na grama;
a cama feita morada.
Não quero a mulher distante
amante dos versos espalhados,
eu quero a mulher namorada
e não quero seu corpo talhado
no mármore de toda ilusão,
eu quero seu corpo molhado,
eu quero seu ventre agitado
em corpos de carne que são.

J. Dellove

DEFINE-SE

O homem passa
Su'alma fica
Tal alma passa
E o homem fica

Seu ardor passa
E o amor
Que o fez passar
Fica...

Que passe o homem
E su'alma repouse jacente
Nos restos que já lhe somem
Como um riso dormente
N'alma com outro nome
E ainda resista latente
A carne que se lhe comem

...cristalizado, perpetue-se
Perpétuo, eternize-se,
Eterno, que dure
Porém, não mais
Do que permaneça.

Fabio de Almeida Braga
SBC, 16/08/90

PAU NA LISTA

Sérgio Alexandre Secco (*)

"Deve o cidadão por um momento sequer, ou num grau mínimo, renunciar à sua consciência em prol do legislador? Então por que terá cada homem uma consciência? Acho que em primeiro lugar devemos ser homens e só depois súditos." (Henry D. Thoreau)

O sistema de controle de frequência utilizado pela Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo, carinhosa e simplesmente apelidado de "a lista", enseja, no mínimo, uma discussão séria e organizada entre os envolvidos no assunto - corpo discente e direção. Antes de ser lei é justo que diplomas sejam conferidos a quem tenha participado de aulas.

É discutível, porém, a forma como o controle é realizado, soando uma forte armação policial em busca de cabuladores.

Mesmo a despeito do caráter legislativo de se controlar a freqüência, sabe-se com clareza os porquês de sua existência. Manter policialmente alunos em sala de aula, da mesma forma que transformar em Diretórios os Centros Acadêmicos, foi uma estratégia até certo ponto bem sucedida utilizada por governos que não bajulavam muito a democracia, a fim de coibir iniciativas de reunião e contestação, por parte de estudantes, fora do então ambiente controlado que era a escola. Nuances Orwellianas....

Por outro lado *bedelcops*, põe em xeque, três vezes em um mesmo dia, a consciência de estudantes obrigados (em parte porque assim o querem)a aceitar que sua desonestidade seja insinuada, quando arma-se a faculdade do direito de fiscalizar cabeça por cabeça, quem assinou o que e onde, na tal lista.

Como ocorre com a faculdade, paga-se para freqüentar o cinema e ninguém quer abandonar a sessão, quando o filme é bom e interessante. A diferença é que o público costuma esbravejar quando a projeção é de má qualidade. Essa atitude é digna e de direito, isto é, contestar quando alguma coisa levanta-se contra o interesse de cada um. Claramente, observa-se que em algumas circunstâncias a lista acaba sendo mais ansiosamente aguardada que os próprios catedráticos. O padeiro, o açougueiro, o barbeiro & Cia. ltda, garantem a presença em seus estabelecimento oferecendo produtos de qualidade. Quando a freguesia some algo está errado...

Argüindo, ainda via analogia, se o padeiro tivesse fregueses garantidos por alguma ação qualquer, seria mais simples a ele ceder às tentações no sentido de zelar pouco pela qualidade do que produz. Entendendo-se que, da mesma forma, a garantia de sala cheia, pode suscitar comodismo, uma vez que assim elimina-se uma forma de aferir a qualidade do produto aula. Por este ponto de vista é inegável que o controle de presença volta-se contra os maiores interessados.

Em geral uma breve análise de currículos mostra que ninguém precisa ter medo de frequência livre, mesmo porque esse não é o objetivo. Está sim, a questão da lista e seus moldes, intimamente ligada à qualidade de ensino, e também por isso há necessidade de discussão.

Qual é o medo? Que seja a passagem da lista realizada pelos próprios alunos em sala é não mais que devolver a este o direito de ser respeitado pelo que faz e livre de amarras, que como já foi dito impede o próprio questionamento acerca do ensino. Seja natural ou positivo é inerente à pessoa humana o direito de que seus atos, antes de aventarem suspeitas sejam respeitados.Vale então a análise de Thoreau: Para que uma consciência?

Finalmente vive-se um período pós eleição direta para chefe do executivo, que bem ou mal, consolida ao menos politicamente a democracia no Brasil o que reforça a necessidade de revisão daquilo que em matéria de legislação foi elaborado sob ditadura. Sobretudo, e se isso vier a interessar alguém, que se procure saber a opinião do corpo discente sobre a decantada lista. O quadro não aponta para respostas surpreendentes.

Para Rui Barbosa em suas Obras Completas, "Os que aplicam o direito, não devem recear ante os obstáculos da força". Porém, somente aplicar direitos sem nenhuma força contrária deve ser muito sem graça. Nem só de reclamações sobre os cruzados retidos na conta corrente sobrevive a democracia e a livre manifestação do pensar. Emascular a crítica caiu de moda, é preciso que apareça a força.

(*) Sérgio Alexandre Secco é acadêmico de Direito 3º C.

PROJETO JUSTIÇA EM SÃO BERNARDO

Ana L.P.Schritzmeyer (*)

Aproxima-se a data de entrega do relatório final do projeto "Justiça em São Bernardo" - trata-se de uma pesquisa que o CEDISO, vinculado ao Departamento de Filosofia e Teoria Geral do Direito da USP, vem gestando desde agosto de 89 e realizando desde março último com apoio da Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo e os especiais incentivos de seu direto, Prof. Dr. Eduardo Domingos Botallo, e de seu centro acadêmico "XX de Agosto".

Mais do que o primeiro projeto de um centro de estudos cujo objetivo maior é promover pesquisas e fornecer à comunidade dados informativos sobre temas de Sociologia Jurídica, esta talvez seja a primeira investigação científica que se realiza no Brasil sobre a qualidade da assistência judiciária prestada a uma população urbana de baixa renda.

O desafio é dos grandes e o que mais anima é perceber que algumas barreiras difíceis já foram ultrapassadas. Estão definitivamente rompidos o silêncio e a distância entre as faculdades de Direito de São Bernardo do Campo e da USP, pois o corpo de pesquisadores contou com alunos de ambos os cursos de graduação. Da coordenação de pesquisa participam professores das duas faculdades, além de se tratar de um grupo multidisciplinar formado por profissionais do Direito e das Ciências Sociais. Enquanto a direção da Faculdade de São Bernardo concedeu bolsas a seis de seus "alunos pesquisadores" e contratou a metodóloga responsável pela coordenação dos trabalhos, o CEDISO congrega outros alunos bolsistas e encaminha a execução do projeto por ele elaborado, arcando com as responsabilidades e despesas decorrentes.

O objetivo específico da pesquisa é levantar as características sócio-jurídicas da assistência judiciária na comarca de São Bernardo do Campo. Para tanto, já foram colhidos dados preliminares que permitiram a delimitação desse universo, ou seja, a fixação do número de entidades a serem pesquisadas e a amostra dos respectivos clientes, funcionários e advogados que concederão entrevistas.

Até a entrega do relatório final, prevista para novembro próximo, a expectativa é a de que todos - alunos, coordenadores, incentivadores, entidades e entrevistados - tenham cada um a seu modo, avançado na reflexão sobre a assistência judiciária. Existe, igualmente, o desejo de que os resultados do trabalho encoragem novas pesquisas, fortalecendo o campo da Sociologia Jurídica nas faculdades paulistas, brasileiras e nos centros de estudos.

Sobre o trabalho realizado pelos alunos no decorrer do projeto, vale dizer que foi realmente muito bom, chegando até a superar expectativas, pois todos sÀo pessoas que nunca haviam antes realizado de fato uma pesquisa, e terminaram por mostrar uma participação muito proveitosa. Isso vem de encontro a um fato muito importante, que ficou bem claro pelo desenvolvimento dessa pesquisa: às vezes, é necessário que os profissionais do Direito saiam um pouco das grades e teorias contidas nos livros, pois isso permite fazer afirmações jurídicas possíveis apenas com a extrapolação dos limites institucionais da Universidade.

Houve um limite muito grande (de ordem material, ocasionado pela falta de verbas, pois demandaria uma maior disponibilidade de tempo por parte dos pesquisadores - isso não foi possível, pois todos estudavam ou trabalhavam paralelamente ao projeto) dentro da própria pesquisa, com relação ao número de entidades abordadas - sete -, o que representa uma porcentagem muito pequena do total de instituições que de um modo ou de outro poderiam se enquadrar nos objetivos do projeto. Os critérios elaborados para se poder trabalhar com número restrito de entidades fizeram com que se excluíssem do projeto entidades que seriam muito interessantes para o que pedia a pesquisa.

Outra coisa revelada é que esta pesquisa se trata de algo raro no Brasil; por isso, sua proposta alternativista de trabalho é, ainda, um tanto enexistente na cultura de qualquer disciplina de Direito - mesmo na Sociologia Jurídica, não tem espaço para se tornar uma coisa constante. Porém, o aumento do número de núcleos e centros de estudos nas universidades do país mostra que essa situação está mudando, e isto, na prática, tem aberto uma nova relação interdisciplinar com os professores das faculdades; tais núcleos acabam por repensar a própria função da Univesidade e tornam-se um campo cada vez mais fértil.

Quanto a finalidade desse projeto, que inclusive será publicado nos próximos meses, existe igualmente o desejo de que seus resultados encoragem novas pesquisas, fortalecendo o campo da Sociologia Jurídica nas faculdades paulistas, brasileiras e nos centros de estudos. Queremos que essa pesquisa mostre claramente o quão é limitada, e que este limites apontem para quantas coisas ainda precisam ou merecem ser investigadas nas disciplinas do Direito.

Em nome do CEDISO, fica a esperança de que o trabalho científico contribua, de algum modo, para que as pessoas resgatem, a cada dia, sua dignidade e sua força.

(*) Colaborou na revisão Fernando Dias Andrade. Ana L. P. Schritzmeyer é a conselheira do CEDISO responsável pela orientação metodológica e coordenação da pesquisa "Justiça em São Bernardo do Campo", professora de Métodos e Técnicas de Pesquisa na Escola de Sociologia e Política de São Paulo, analista de pesquisa de mercado do Datafolha, membro da Comissão de Direitos Humanos da OAB-SP e mestranda do Programa de Pós-Graduação do Departamento de Antropologia da USP.

BAKALL - O QUE É DE DIREITO!

João Miguel Valencise

-Para gáudio da população nativa inventa-se em território "de direito" e já não sem tempo, diga-se, uma mostra do "must" dos "must" do grafismo em "bande dessinée"; ou "cartoon" ou "charge" - o que dá no mesmo já que a língua doce de Camões não deu vernáculo ao gênero - do " Infant Terrible" Fernando Dias Andrade - Boris Bakall.

-Vamos acabar com essa posição abstrato-contemplativa! Às armas!

-Infante bucaneiro com a caneta do humor, sarcasmo e aridez sempre em riste; senhor de uma crítica mordaz, o cartunista (ops!) Boris Bakall lança a sua ofensiva dura, rápida e eficaz. Um preto & branco em cores no melhor estilo do grafismo contemporâneo, soltando navalhadas às "caras pálidas" que observam. A turba delira!

-O que é incompreensível é o olhar superior que a comunidade acadêmica dirige a um meio cultural de tão significativo alcance.

- Ah! A crítica... Este pecado capital!

- Acho-a necessária. Entendo que há algo de merceeiro em querer classificar tudo, esta distribuição denota, sobretudo um abuso de autoridade, de direito, de confiança, em suma, de tudo o que você queira! Porém o "boi sonso" anda à solta e... todo cuidado é pouco.

-Para que a pompa nessas circunstâncias?

-Os motivos são vários e relevantes. Boris Bakall representa um dado de uma novíssima geração de artistas dedicados a esse gênero, tanto em técnica e criatividade, como na elaboração de uma síntese original a partir da incorporação de todas as mais notáveis tendências já aparecidas na "banda ilustrada".

-E daí?

-Daí, que da mesma maneira que "caras" como Wolinsky, Jacques Tardi, Frank Margerin, Hugo Pratt, Will Eisner e Quino foram o "napalm" implacável da paixão de Caruso, Luiz Gê, Glauco, Ciça, Mariza e Sérgio Macedo pelo grafismo, Boris Bakall é o "petardo" na orelha sovina dessa instituição há mais de dois anos. Daí que não dá para negar a importância simbólica de suas obras para a comunidade.

-Ah! Eis uma reminiscência desconcertante!

-Toda discussão é francamente impossível!

-Tenho a impressão de que você está ofendendo. De passagem, devo dizer-lhe que, pois estou persuadido de que uma linguagem é uma herança coletiva, que devemos tratar de fazer evoluir e que está evolução segue um sentido bem determinado; mas que podem existir correntes laterais, produzirem-se deslizamentos, rupturas, recuperações...

- Sim, e o que de mais rico poderia acontecer? Nos dois últimos anos, queira-se ou não, o traço sutil das obras de Bakall permeou as relações epidérmico-acadêmicas dessa instituição. De "bananas" ao "vivo vinte", nos jogos, camisetas... Enfim...

-Francamente! Toda discussão é...

-Longe de mim fazer aqui um "ensaio" extemporâneo sobre a singularização da subjetividade artística e suas funções; nem representar o "papel" do crítico de jornal, a "esparramar minha lucidez escatológica nas alvas páginas".

-Trata-se por outro lado, de re-territorializar o agente criador e o objeto de sua criação na circunstância sócio-cultural que "inicializou" essa relação de produção.

-Ah! A "troca simbólica"!

-Exatamente, a "troca simbólica" de homens históricos.

-Todos os blocos movendo-se relativamente, funcionalmente no contexto histórico vivo e - o que é mais importante - gerando produtos para novas trocas. A micropolítica instaurada no "campus" em revoluções representativas permanentes.

-Essa importância está na mostra de Bakall?

-Não! A mostra é atividade posterior, retrospectiva, museológica. O intercâmbio cultural vem antes, nasce no momento das trocas efetivas, dos ajustes, deslizes, rupturas, reconhecimentos...

-Em que ponto?

-No momento, em que como dizia Antonin Artaud "ultrapassa a linguagem para tocar na vida". A sublimação das relações afetivas e efetivas. A subjetivação absoluta coletivizada.

-E as obras?

-São pontos de fuga, efetivação em linguagem. A lógica está em sua construção fundamental, como pedra angular e produto dessas relações. Desconstruí-la para explicá-la é o papel do "crítico profissional", distanciado e incapaz de fazer parte desse "hall" de relações, coisa que não pretendo ser. Prefiro a universalidade da interpretação de Peirce que leva em conta, além do limite concreto da obra, o momento histórico e o público que também a constrói.

-Voltemos então a Bakall na Faculdade de direito.

-E poderia ser diferente? Não fosse a interoperacionalidade da linguagem - note-se que esta condição é muito superior àquela de receptores e interlocutores - a obra não seria esta, nem este o momento.

-Então, essa mostra traduz basicamente a relação de Bakall com as circunstâncias desse período na Faculdade de Direito?

-Perfeito! As obras denotam um avanço profundo e sistemático-produto das relações desse período. Esta fase é fundamentalmente diferente da anterior, em que o artista ainda experimentava a linguagem. Hoje, é notório a presença de uma maturidade tanto estética quanto política.

-Toda discussão...

-Não olhe apenas. Veja o trabalho de Bakall!

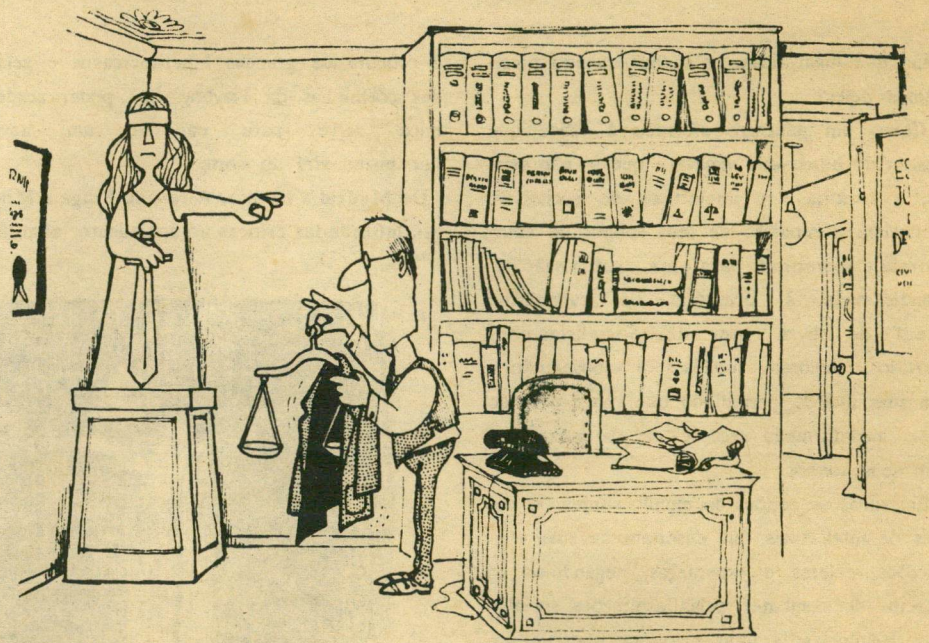
EXPEDIENTE:
"VIVO 20" é uma publicação rarefeita da CA XX de Agosto da faculdade de Direito de São Bernardo do Campo.
Rua Java, 425 - C. do Mar São Bernardo do Ca mpo
Editores : Sérgio Secco, 2º C
Sérgio "BANANA" Jacomino, 4º A

CA gestão VIVO 20
Presidente : Antonio José Vieira Jr.
Diretor Imprensa : Sérgio Jacomino
Revisor e co-autor : Fernando Dias Andrade

O SOLÍFUGO E A HELIÓFILA

Jane Lichtenthaler

H- Ah! O sol avassalador de nossas tardes douradas, o estio luxurioso...
S- Ainda me lembro daquela tarde, quando atravessei o rio às seis. Criatura do dia que avança nos perigos da noite!
H- Agora eu sei onde ardem todos os olhares febris, onde a estação se insinua. Pois, hoje, todas minhas frases estão forradas de pleonasmos e epítetos. E já posso sentir o frescor das carnes...
S- E a visão do borrão no horizonte, o azul, o chumbo, aquele festival de cores fugidias... Eu amo a tarde. Pés descalços na água, o silêncio assustador da mata às seis...
H- Mas, hoje, eu decidi que a vida vale a pena, e quero que cintilem chamas azuladas numa noite de esplêndido prazer, onde espicacem as idéias desejantes. Que se perca a razão onde graves pupilas se agitam. Só não se deve esquecer que na sôfrega multidão todo o frescor se esvai...
S- No empório do "Seu Cardoso", coleciono moscas e amo a bicicleta negra!
H- Eu apenas tinha os cabelos ao vento e um olhar sempre adiante, todos os delírios refugiados numa pequena caixa de charutos!
S- A imagem das Portas de Tebas, abertas a todos os ventos do Oriente. Grave desastre Cósmico-Você no cimo desta montanha mágica, e eu, nos ínferos, no Hades?
H- Não, ambos sobre margens lacustres, telhados estrelados. Chuvas estivais(...). São as imagens que retenho em mim. Será uma alternativa a terceira margem?
S- E toda a estória sobre a paz e a prosperidade no reino de King Fish. O Mistério do Salmão Mystyco.
H- Eu que faço questão de toda pompa oriental. Tai-Chi-Chuan. E sempre o encanto de Ruá. Eis que te confidencio : Aqui onde moro, os ventos aborrecem os telhados...(!)
S- Chuva é a multidão! Resta sempre um gosto na boca, terra e carambolas (verde no taquaral), e rubis no átrio das romãs!
H- Sobre teu peito, corre vadia minha mão. O que ela toca? Um grande terraço que se faz preguiçoso como os raios do sol! Eis que surge o perfume embalsamado, os dedos lépidos "que tocam e apontam mapas na parede".
S- Para mim há um só rosto no mar de nomes (seu nome eu não me lembro), e ele ressurge assim, feito um brilho de cristais na chuva. Seus gestos delicados, seu sorriso generoso. Um grande amor! Sou chuva!
H- Em todas as telas, só um rosto. O céu matizado, me arrojo sobre ondas. Provém de minha mão um leve afago, que te sirvo como regalo. Diante de tanto movimento, suspiram os subúrbios exauridos...
S- A música de Duke Ellington e as nuvens em movimento: a importância dos pequenos e graciosos movimentos. Ambos sabemos de toda trajetória que um presente produz. Um presente é algo que a banalização comercial não haverá de arrasar. É só pensar que a importância migrou do desejo até o objeto. Nem se fale do que o motivou...
H- Eu agora, posso sentir a inflexibilidade das notas dissonantes. Reverberações. Os borrões estampados em Gris. Damascos maduros. A doce pulsação dos tijolos. A colcha de retalhos. Todas as estórias do além-mar. Por que não, Evlyn Roe? Convido-te para comigo se alojar numa água-furtada, onde todas as expectativas se esbarrem pelos cantos do cômodo. Onde toda a ânsia fique dormente no assoalho. Doces deleites escondidos por entre nesgas. Polpa de frutas. Um recanto de onde evolava um odor de pêlos. Hoje, te espero...
S- Mas, já não sabes que não temos futuro ! Esta noite não tem futuro... Tudo se esbate na ausência de sentidos...
H- Resta-nos todos os calores ardentes. Um jantar para celebrar a nova estação. Os equinócios e os solstícios. Ainda os parques, os cafés, John and Yoko, frangélicos, Montevidéu (ou talvez Mandchuria !), xiricas, shakers, bascoços. Sim e sim, sempre!
A eterna amizade retribuida!

VERBI GRATIA

"Fiz tão bem o meu curso de Direto que, no dia em que me formei processei a Faculdade, ganhei a causa e recuperei todas as mensalidades que havia pago."
-FRED ALLEN

"É forçado fazer mal a varejo que fizer bem por atacado, e injustiça nas coisas pequenas quem quer chegar a fazer justiça nas grandes."
-MONTAIGNE

"Quem não tem justiça, compra-a; quem a tem, paga-a."
-ANÔNIMO

"A justiça sem força, a força sem justiça: desgraças terríveis!"
-JOUBERT

"Tenho a justiça do meu lado e perco a questão!"
-MOLIÉRE

"A justiça é a sanção das injustiças estabelecidas."
-ANATOLE FRANCE

"Por que será que nossa língua comum, tão jeitosa em qualquer outro emprego, se torna obscura e ininteligível nos contratos e nos testamentos, e que aquele que se exprime com tanta clareza, em tudo o que diz e escreve, não encontra neles nenhuma forma de exprimir-se que não caia em dúvida e contradição!"
-MONTAIGNE

"O juiz não é nomeado para fazer favores com a justiça, mas para julgar segundo as leis."
-PLATÃO

"O juiz é condenado onde o culpado é absolvido."
-PUBLÍLIO SIRO

"Juízes implacáveis são todos aqueles que antes foram réus."
-GREGÓRIO MARAÑÓN

"Um júri é um grupo de doze pessoas escolhidas para decidir quem tem o melhor advogado."
-ROBERT FROST

"Não nego que é possível / haver no júri, convocado para / julgar um criminos, sobre doze / jurados, um ou dois ladrões de culpa / maior que a do preso."
-SHAKESPEARE

"A pena para quem ri no tribunal é de seis meses na cadeia. Se não fosse por isso, o júri nunca chegaria a ouvir as provas."
-H. L. MENCKEN

"Só fui à falência duas vezes. A primeira, quando perdi uma causa. A segunda, quando a ganhei."
-VOLTAIRE

"A Justiça é imutável como Deus; as leis, perecíveis e instáveis como o homem."
-JUAN CORTEZ

"Amei a Justiça e odiei a iniqüidade; por isso morro em exílio."
-PAPA GREGÓRIO VIII

"Sai do caminho da Justiça. Ela é cega."
-STANISLAW JERZY LEC

OS YUPPIES ORGÂNICOS E O ELDORADO ALEMÃO

Luiz Alberto Warat (*)

Em que lugar ficam os sonhos quando precisamos deles?

Como um náufrago aferrado à táboa que restou do barco que viajava e que já não existe, a maioria dos intelectuais do socialismo anunciam a rendição de seus sonhos de autonomia e se retiram para uma submissão incondicionada à ortodoxia do capitalismo "real" de livre mercado. Socialistas convertidos, celebram jubilosos a aposentadoria de suas ilusões, permitindo que vença o medo e o inconformado racismo que se escondiam em seus sonhos.

Em todas as regiões do mundo surgem as vozes de intelectuais que desertam de suas convicções, cóleras e esperanças, negando-se ao direito de combater pelas aspirações socialistas. Renunciam a lutar pelo que queriam ser, além das imposições da tirania do mercado. Aceitam com prazer trocar os ideais socialistas pelos restaurantes de beneficência operária (as atuais lutas do Solidariedade na Pôlonia e um silencioso neo - nacionalismo alemão - que está conseguindo, sem guerra, implementar o "anti-operário" hitleriano. Surpreendente via crepuscular de uma intelligentsia que se aferra a habilidosas abstrações metodológicas para silenciar os possíveis efeitos da nova exploração capitalista e suas escaladas de "neo-intolerância". Tudo dentro de uma enorme confusão entre o que é a realização histórica do marxismo e os ideais socialistas.

Os fugitivos do marxismo estão juntando-se aos corifeus que reduziram a democracia ocidental a um conceito magnético. Como Vargas Llosa (que reverencia publicamente a Margaret Tatcher) atrevem-se a dizer que as exigências de livre decisão dos povos da Europa Central são um triunfo do capitalismo. Contribuem com o brilhantismo de suas aparências conceituais para reforçar uma hiper-realidade que poderá condenar-nos a viver além da alienação(a mágica ilusão das verdades absolutas que permitem construir uma pseudo-realidade mais provocativa e excitante que a angustiada solidão de nossa everyday life). Uma reflexão que, como as prostitutas dos filmes de Felline, se fantasia de si mesma para provocar a morte de nossos pensamentos. Uma retórica de neutralidades mágicas que nos submerge num grande gueto de esperanças falsificadas. A lei do capital não tem concessões, tem exigências para agravar as condições de exploração e amplificar os níveis de alienação. Assegura o seu desenvolvimento insaciável, com uma falsificação do maravilhoso, que lhe permite incrementar a deteriorização generalizada da vida, sem a ruptura substantiva do encantamento conquistado...e os intelectuais estão ajudando para que esta sugestão devoradora satisfaça seu propósito, fornecendo toda a sua experiência acadêmica para convencer-nos das benécias de uma Perestroika com Coca-Cola. Silenciam que os muros poderiam ser derrubados à procura de grandes hiper-mercados e geladas coelhinhas da Playboy. Seu poder acadêmico serve para enunciar um novo iluminismo virá do norte.

De Madrid a Buenos Aires, de Praga a Miami, infundadas críticas ao socialismo alimentam ansiedades privadas e debilidades acadêmicas. Os intelectuais fogem do socialismo para refugiarem-se nas banalidades das regras do jogo dos partidos burgueses e nas celebrações de uma linguagem vácua, que em nome das "forças democráticas" confundem as esterilidades do espaço político com as inócuas demandas de um espaço privado reduzido ao consumo de seriadas purpurinas. Encurralados pela exaltação cega do ocidente procuram utopias arcadas de boas notícias para inventar uma realidade uniforme que não transcenda a configuração existente do poder: o socialismo de mercado como o novo ópio dos intelectuais.

Os intelectuais de Gorbatchóv, despreocupados com a originalidade, fazem a sua revisão pós-marxista (copiando simplicidades maccartistas) exaltando o crescimento automático dentro de um projeto de cooperação global e sem classes. Ignorando os movimentos de autonomia estão trocando, tão-somente, o tipo de Estado que seduz o seu pensamento. Bajuladores do magistério de plantão ignoram a conduta perversa do capitalismo real de livre mercado: a imbelicidade massificada, o neofascismo que -hipocritamente- livra uma batalha imperialista contra as drogas e chora para tentar militarizar a proteção da Amazônia. Omitem a (re)descoberta da afetividade com-o-outro para defender a democracia da Otan e decretar para a América Latina uma lei de esquecimento que permitem a convivência de teatrais paródias eleitorais com antigos e ressurgentes torturadores... tudo em nome de um eufemismo chamado "realismo democrático".

Assim, um dos Estados de Direito (esquecido até da música de seus procedimentos) e uma casta de intelectuais complacentes (em nome de escolhas racionais) com a destruição da base produtiva do terceiro mundo (Argentina, Namíbia e a nova Nicarágua de cor Violeta) estão criando as condições simbólicas para o estrangulamento das opções emancipatórias.

Agora, o elogio à estrutura perversa da ideologia capitalista se instaura nas universidades para dar bons dividendos aos santuários acadêmicos de esquerda. Como os velhos judeus convertidos, os professores da esquerda acadêmica, procuram fazer boa letra chamando de "preferência do povo submetido pelo stalinismo" às novas fragmentações impostas aos ideais de autonomia. Vagas formulações encobrem a natureza alienamente das emergentes convicções teóricas. Num mundo de oportunidades consumistas em expansão, o sentido teleológico da autonomia (fundado numa dimensão política do amor) é omitido para explicar, como um êxito da hegemonia capitalista, o novo enfraquecimento do desejo de emancipação. Nestes tempos de falsificações, consentidas pelos intelectuais que desertaram, novas formas de violação dos direitos humanos são escamoteadas (a retórica "alfonsinista" e "menenista" na Argentina) para permitir a confusão de exploradores e explorados numa eufórica marcha para o holocausto da autonomia e a exaltação de uma estabilização reacionária do capitalismo: um sindicalismo exageradamente conservador e condições bárbaras de trabalho num mercado refinadamente civilizado e tecnológico. Uma exploração amparada pelo glamour romântico que o velho continente sempre quiz transmitir.

Europa, a bela adormecida, está acordando beijada por vários príncipes e reivindica uma casa comum que a devolva para seus sonhos imperiais. A queda do muro de Berlim ressuscita o fantasma inconformado de Auschwitz. Os operários europeus em decadência econômica começam a procurar os mil rostos que satisfaçam os medos que sempre condensaram no anti-semitismo. Assim veremos crescer diante de nossos olhos o ódio discriminatório provocado pela ameaça dos avanços tecnológicos: a permanente expulsão de fragmentos de operários qualificados para postos de menor nível, os postos que ninguém deseja ocupar. O medo de perder o emprego transforma o socialismo numa grande ameaça de reinscrição social. Assim toda a tentativa de reconstrução mais igualitária do social será vivida como um perigo mortal (o mesmo medo da mulher quando ingressa no jogo do poder). Ficamos então imersos numa xenofobia coletiva, que alimenta o ódio diante de qualquer forma de justiça social. Os operários mais empobrecidos (imigrantes, clandestinos) podem vir a ser os novos judeus... e serão profanados seus túmulos. Nestas condições ser socialista, é lembrar que Auschwitz não foi só uma ameaça para os judeus, mas um programa de disciplinamento para toda a classe operária.

Enquanto isto se sucede na Europa, os imitadores tupiniquins de Felipe Gonzales continuam colaborando para que o bem estar e a dignidade do terceiro mundo continue confundida com a caridade. Assim, a fragância do vieux perfum français seguirá emprestando-lhes seus dogmas de liberdade e fraternidade para que seu nevoeiro de crenças, sua mitologia da inocência cultural, ampare a consolidação de novos blocos regionais de produtividade, num continente condenado às trevas.

O socialismo não dá mais votos na América Latina. Agora é impossível fazer campanha política ou ganhar um concurso universitário em seu nome. Os intelectuais querem ser assessores ministeriais e influir nos comitês de campanha, e não podem ter êxito em nome do socialismo. Os atuais ventos exigem a inovação do "Eldorado" Alemão. No presente só existem "Yuppies Orgânicos", pesquisadores de institutos. Profissionais do pensamento, engajados em seus papers, vivendo da única "micro-sociedade do bem-estar" que tem chance de perdurar. A exploração imperialista não gera financiamentos, melhor é fazer uma tese sobre Habermas ou Bobbio - elaborar e aprofundar uma sociologia do eufemismo, uma ecologia da evasão e uma semiologia da conformidade. Em condições de absoluta miséria, o saber financiado está criando as condições para uma "hiper-interpretação" triunfalista do fracasso cultural e existencial do capitalismo. Impotentes diante da destruição do ambiente e a letargia dos afetos, os intelectuais estão sendo financiados para que nos ajudem a consumir nossa própria morte.

(*) Luiz Alberto Warat é Doutor em Direito. Prof. do curso de pós-graduação em Direito da UFSC. Escritor e ensaísta, com mais de vinte livros publicados. Entre eles, "A ciência jurídica e seus dois maridos", o "Manifesto do surrealismo jurídico" e "O amor tomado pelo amor".